



PROSTITUIÇÃO FEMININA EM MATO GROSSO DO SUL: TERRITORIALIDADES, CORPORALIDADES E RESISTÊNCIAS

Luciana Codognoto da Silva¹

William Siqueira Peres²

RESUMO: Nos últimos anos, importantes produções teóricas têm sido realizadas no campo das Ciências Humanas, de forma a voltar olhares às práticas corporais e às corporalidades, uma vez que ele, o corpo, tem assumido novos significados como forte agenciador das subjetividades no chamado mundo transcontemporâneo. Ao avocar uma nova posição dentro desse cenário de transformações, as mulheres têm assumido novas formas de prazer com/em seus corpos, atrelados a um sistema social que valora certos comportamentos e que, por sua vez, também critica/exclui/pune severamente a outros. Nessa segunda vertente encontram-se as mulheres profissionais do sexo, percebidas socialmente como abjetas – destituídas de direitos e prestígios sociais, sobretudo em contextos considerados periféricos. Assim sendo, esta pesquisa objetiva analisar as contribuições teóricas advindas dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, mediante a compreensão de Donna Haraway e de demais autores/as a respeito dos corpos marcados pelas novas tecnologias.

Palavras-Chave: Estudos Pós-Coloniais; Prostituição Feminina; Sexualidades.

Introdução

Este artigo tem por finalidade apresentar uma análise dos aspectos que fazem referência à prostituição feminina e, conseqüentemente, propõe discutir as representações construídas sobre os corpos femininos enquanto espaços contraditórios de prazer e de estigmatização na sociedade. Tais aspectos serão contemplados mediante a abrangência dos Estudos Pós-Coloniais de Donna Haraway e de demais autores/as que versam suas análises a partir de um deslocamento do Sujeito da Enunciação Científica, representado pela ideia de sujeitos múltiplos, coletivos e em constante transformação.

Haraway, em seus estudos, busca escapar dos dualismos e dos princípios de simetria generalizada, os quais refletem fios de relações de poder,

¹ Psicóloga. Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD (2011). Doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP/Assis.

² Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP/Assis.



dentre eles, as classes, as raças e os gêneros. Ela propõe um novo olhar sobre o sujeito do feminismo, ao trazer as vozes que estavam, até então, subalternas no contexto histórico e social. Enquanto precursora destes debates, Haraway se mostra a favor da construção de uma política pós-feminista que visa romper com os binarismos e as dicotomias estabelecidas socialmente, propondo a ruptura e o desprendimento de uma sexualidade binária, de forma a inaugurar um estatuto híbrido do pensamento e das relações, considerações que marcaram a sua forma de discorrer o Feminismo em fins do século XX.

Partindo desses pressupostos, serão discutidos nessa pesquisa importantes conceitos perpetrados por Donna Haraway e demais autores/as, dando ênfase aos corpos, marcados pelas novas tecnologias, dentre elas, o ciborgue. Serão tratados ainda a ideia de objetividade e a necessidade de uma perspectiva parcial nas ciências. Tais aspectos serão atrelados à concepção de corpos femininos como fortes agenciadores das subjetividades transcontemporâneas, em especial de mulheres ligadas ao contexto da prostituição de um pequeno centro urbano, localizado no interior do Estado de Mato Grosso do Sul.

Prostituição Feminina: revisitando os debates

A prostituição tem sido ao longo dos tempos um dos constantes temas de debates em distintas sociedades. Mais precisamente, com o advento dos estudos de gênero surgiu a preocupação em se analisar o corpo como importante plataforma política de poder e de resistências, conforme ponderaram os estudos de Haraway (1995b), Butler (2000) e Preciado (2008).

Durante muito tempo, o corpo foi concebido como fonte de purificação/degradação e causa de salvação/pecado. Assim, quanto maior fosse o controle sobre ele, maiores seriam as chances de se evoluir espiritualmente. Essa visão era o resultado de influências religiosas, filosóficas, médicas e culturais que perduraram, fortemente, até meados do século XX.

De forma geral, é preciso dizer que a sociedade dirige um olhar de condenação às pessoas que sobrevivem do mercado sexual, sem, no entanto,



fazer uma análise minuciosa das causas que as levam a essa situação. Toda vez que se discute o tema prostituição, coloca-se em foco o aspecto unilateral de tal prática, negligenciando os estigmas construídos em relação às profissionais do sexo, em especial, àquelas provindas de situações sócio-econômicas mais precárias e que, por sua vez, não se enquadram no padrão encontrado em grandes centros urbanos, assim denominado de as profissionais de luxo.

Estudos recentes evidenciam que, no Estado de Mato Grosso do Sul, o mercado do sexo tem apresentado um número significativo de mulheres adultas, principalmente em regiões de fronteiras e em rotas consideradas propícias ao narcotráfico, sendo estas representadas pelas cidades de Corumbá e Ponta-Porã, respectivamente situadas nos limites dos países Brasil-Bolívia e Brasil-Paraguai. Ademais, municípios com importantes atrativos turísticos e pertencentes à região Pantaneira, dentre eles, Coxim e Bonito, têm-se mostrado terrenos favoráveis para o estabelecimento e a disseminação do mercado sexual no Estado, conforme apontam as análises de Dias (2009) e Farias (2009).

Nessa perspectiva, faz-se necessário sublinhar a necessidade de pesquisas que primam olhares para os diferentes territórios que envolvem as rotas do mercado do sexo em Mato Grosso do Sul, uma vez que, muito se tem escrito sobre os fatores que caracterizam a prostituição em grandes metrópoles e em áreas turísticas brasileiras, negligenciando, muitas vezes, que esse fenômeno também mantém seus traços em contextos interioranos, locais em que se observa um número insuficiente de pesquisas acadêmicas.

Foi pensando assim que se optou pelo estudo dos fatores que contemplam o cotidiano de mulheres adultas, profissionais do sexo, de uma cidade situada na região sudeste do Estado de Mato Grosso do Sul. Trata-se de um município de pequeno porte populacional e de extensão geográfica, o qual passou a ser reconhecido como um importante pólo de exportação pecuária da região centro-oeste e para alguns países árabes. Ademais, destaca-se pelos significantes índices de crescimento econômico e pelo



número de territórios que demarcam o mercado sexual na região, ainda pouco explorados em termos de pesquisas, sobretudo na Psicologia.

Partindo desses pressupostos, pergunta-se: quem são os sujeitos contemplados durante esse estudo? Trata-se de um importante questionamento, uma vez que, segundo os autores/as que embasam teoricamente esta pesquisa, não existe uma única definição da categoria Mulher – aquela alicerçada segundo a ótica da natureza – o que existe e o que se defende, a partir dos estudos de Haraway (1995b), é a ideia de Mulheres, cada qual com suas especificidades e histórias de vida em curso e em constante transição.

Ao cartografar os sujeitos contemplados nessa pesquisa, pode-se dizer que, em sua grande maioria, trata-se de mulheres pobres, negras e/ou pardas, com escolaridade incompleta e com dificuldades em obter empregos tidos como formais em muitos dos setores laborais do município. Entretanto, há que se destacar a presença, ainda que minoritária, de mulheres brancas, com escolaridade completa, incluindo a formação universitária, e com relações afetivas e/ou conjugais estáveis, o que remete a pensar nas palavras de Foucault (1985) a respeito da “vida como uma estilística da existência”.

Em decorrência disso, os marcadores sociais de raças/cor, gêneros e sexualidades, em interface com expressões de machismo, racismo e misoginia tornam-se importantes nesse diálogo. Preciado (2008) denominou-os de “o dismantelar dos dispositivos políticos que produzem as diferenças de classes, raças/cor, de gêneros e das sexualidades”. Já Haraway (1995a) salientou que a sociedade tem experimentado mudanças profundas na produção da tríade gêneros, raças e classes. Segundo a autora, não há uma dominação unilateral, mas um circuito de opressões atreladas uma as outras, a qual ela denomina de “Informática de Dominação”.

Assim denominado por Haraway em sua importante obra *Ciência, Cyborgs y Mujeres* (1995a), o termo Informática de Dominação remete a uma crítica da autora ao designado patriarcado capitalista imperialista branco em sua versão contemporânea. Para ela, trata-se de uma nova forma de pensar essas três importantes categorias, agora, de uma maneira intensificada, uma



vez que elas não desaparecem no tempo, mas se energizam e se refazem no transcorrer dele.

Logo, pode-se dizer que esses aspectos contribuíram para uma posição marginalizada das profissionais do sexo, abalizando políticas repressivas e discriminatórias em torno do que se considera socialmente um comportamento desviante e imoral, segundo bem salientou Haraway (2004):

[...] o poder político e explicativo da categoria 'social' de gênero depende da historicização das categorias de sexo, carne, corpo, biologia, raça e natureza, de tal maneira que as oposições binárias, universalizantes, que geraram o conceito de sistema de sexo/gênero num momento e num lugar particular na teoria feminista sejam implodidas em teorias da corporificação articuladas, diferenciadas, responsáveis, localizadas e com consequências, nas quais a natureza não seja mais imaginada e representada como recurso para a cultura ou o sexo ou para o gênero (HARAWAY, 2004, p. 246).

Tais conceitos, defendidos por Haraway (2004), fazem referência, sobretudo ao modo como o feminismo radical operou, por muito tempo, a categoria mulher, naturalizando-a. Segundo a autora, torna-se necessário o rompimento de estruturas identitárias como modelo preestabelecido para as mulheres, substituindo-as por um olhar que contemplem as afinidades e as diferenças de classes, gêneros e raças. Nessa perspectiva, Haraway (1995a) destaca sua posição contrária aos princípios que primam olhares à natureza e, aos contrapô-los, propõe um novo modelo, uma nova política de identificação, a qual ela denomina de Ciborgue.

Para ela, o ciborgue consiste em uma imagem resumida das transformações políticas e sociais, vivenciadas durante passagem para o século XXI. Com o surgimento das chamadas novas tecnologias, as fronteiras entre o animal e o humano, a máquina e o sujeito, a cultura e a natureza entram em um processo de fragmentação, de forma a dar origem a novas formas de relações sociais, momento onde a variação do humano passa a ser ressaltada com mais afinco. Logo, nas palavras da autora, o ciborgue representa:

[...] un organismo cibernético, un híbrido de máquina y organismo, una criatura de realidad social y también de ficción. La realidad social



son nuestras relaciones sociales vividas, nuestra construcción política más importante, un mundo cambiante de ficción (HARAWAY, 1995a, p.126).

No chamado mundo dos ciborgues, as polaridades e a dominação hierárquica, tanto de racismo quanto de sexismo, passam a ser questionadas. Sua neutralidade pode, segundo Haraway (1995a), ocasionar rupturas das dicotomias que imperam sobre o mundo ocidental. A partir deles, pode-se pensar em uma sociedade onde já não exista uma sexualidade dominante e onde a hierarquia de classes sociais e a política de dominação passam a ser inexistentes.

Enquanto crítica aos diversos movimentos sociais, em especial ao feminista radical, Galindo (2003) esclarece que Haraway utiliza-se da biotecnologia dos ciborgues enquanto:

[...] ferramentas para reconstruir o corpo das mulheres, onde os discursos científicos e as tecnologias seriam como momentos congelados de interações sociais fluidas que as constituem em relação às quais produzem significados. A produção de uma linguagem de códigos seria um espaço para desmontar antigas heterogeneidades, antigas dicotomias, ao invés de propor um retorno ao corpo, como o fizeram as feministas na década de setenta, propõe trabalhar na confusão das fronteiras, no estabelecimento de novas combinações (GALINDO, 2003, p. 06).

É preciso destacar que o feminismo radical buscou, em síntese, tratar o feminino mediante uma pauta política centrada em uma essência biológica, unânime para todas as mulheres, além de suscitar fortes debates em relação ao patriarcado e ao capitalismo. Haraway (1995b), ao contrário, propõe uma teoria crítica moderna, onde os corpos e os seus significados apresentem possibilidades de enunciação – as fronteiras, as novas combinações – enquanto caminhos que permitam (re) pensar os não-dualismos, remetendo-os às linhas de fuga no processo de subjetivação dos corpos e dos afetos.

Nessa direção, as mulheres, profissionais do sexo, podem ser pensadas enquanto ciborgues. Corpos híbridos, constituídos por múltiplas referências, apresentando-se de maneira estranha no contexto social, uma representação estética e moral que, muitas vezes, contrapõe/denuncia o que é concebido pela



sociedade como perfeito, ideal e humanizado. Trata-se de corpos percebidos socialmente como dissidentes da norma e que, por conseguinte, trazem em si as rupturas de paradigmas normativos, uma vez que se fala de mulheres, algumas delas, negras e pobres, e que utilizam de seus corpos como meios que vão desde a sobrevivência física até distintas formas de prazer.

Assim, segundo a autora, já não é mais possível falar em ciborgues sem as noções de mestiçagem e contaminação, os quais não se encontram vinculados somente as questões interraciais, mas, sobretudo, mostram-se ligados à noção de tecnociência e do humano, que, no caso da prostituição, assumem um espaço de ruptura do binário em nome de um prazer que visa não mais ser interdito.

Sob outro prisma, devem-se levar em conta as questões de raças e de classes nessa análise. Tais marcadores sociais definem não somente a cor de pele, mas, especialmente, refletem posicionamento de status e de participação do humano na sociedade, o que, nas palavras de Haraway: “há um grande valor em definir a possibilidade de ver a partir da periferia e dos abismos” (HARAWAY, 1995b, p. 22). Daí a necessidade de um novo olhar sobre esse fenômeno, conforme ainda salientou a autora:

A visão pode ser útil para evitar oposições binárias. Gostaria de insistir na natureza corpórea de toda visão e assim resgatar o sistema sensorial que tem sido utilizado para significar um salto para fora do corpo marcado, para um olhar conquistador que não vem de lugar nenhum. Este é o olhar que inscreve miticamente todos os corpos marcados, que possibilita à categoria não marcada alegar ter o poder de ver sem ser vista, de representar, escapando da representação. Este olhar significa as posições não marcadas de Homem e Branco, uma das várias tonalidades desagradáveis que a palavra objetividade tem para os ouvidos feministas nas sociedades científicas e tecnológicas, pós-industriais, militarizadas, racistas e dominadas pelos homens [...] (HARAWAY, 1995b, p.18).

A produção de novos saberes passou a ser reivindicada por esses novos sujeitos visando ocasionar rupturas de paradigmas frente aos discursos considerados normativos – o androcêntrico-europeu e o feminista radical. Este novo olhar, defendido por Haraway (1995b), também se faz enunciado por Preciado, ao destacar que as vozes subalternas se situam: “nas fraturas entre



vários discursos hegemônicos e minoritários” (PRECIADO In: CARRILHO, 2012, p.61). Logo, pode-se afirmar que Haraway utiliza das biotecnologias dos ciborgues e da mestiçagem enquanto ferramentas para reconstruir os corpos, até então, dissidentes e não-habitáveis.

Essas novas figurações permitem (re) pensar os feminismos identitários, visando implodir as dicotomias e romper com os binarismos, um olhar anterior que reduz o humano à ideia de sujeito uno e/ou de indivíduo. Nessa perspectiva, a autora propõe a noção de “mundo habitáveis”, um dos mundos possíveis, onde também seja presumível expressar a multiplicidade do humano, aqui representado pelas mulheres, negras e brancas, pobres ou não e as profissionais do sexo, constituindo, assim, os saberes localizados. Logo:

Não queremos uma teoria de poderes inocentes para representar o mundo, na qual linguagens e corpos submerjam no êxtase da simbiose orgânica. Tampouco queremos teorizar o mundo, e muito menos agir nele, em termos de Sistemas Globais, mas precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes – e diferenciadas em termos de poder. Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro (HARAWAY, 1995b, p. 16).

A autora retoma um importante questionamento sobre a necessidade de uma perspectiva parcial para o estudo e a análise de grupos que estiveram à margem do discurso científico e da ciência que privilegia a ideia de sujeitos coletivos e em trânsito. Em se tratando das profissionais do sexo, sobretudo àquelas pertencentes às pequenas localidades, pode-se pensar em prazeres e em corpos que, por muito tempo, estiveram silenciados, excluídos, interditos e/ou generalizados no contexto histórico-social.

Em contraponto, Haraway (1995b) alvitra um olhar ampliado sobre esses sujeitos que, até então, viveram como uma espécie de corpos sem significados. O ciborgue representa essa ideia – de hibridação, de não-dualismo – e que, por sua vez, busca contemplar a resistência à singularização e à normatização do humano. Logo, o engessamento dos corpos e de seus prazeres passa a ser questionado pela autora, tanto do ponto de vista da natureza quanto do social.



A partir da ideia de objetividade nas ciências, Haraway (1995b) propõe um posicionamento crítico e não-homogêneo em relação aos discursos normativos, sejam eles de raças, classes, gênero ou sexualidades. Diante disso, surge a necessidade de pensá-los enquanto novos dispositivos de resistência dessas mulheres frente a um padrão sensorial e de comportamento que visa enquadrar a vida enquanto um valor plenamente moral, que trata de forma diferenciada e, até mesmo, excludente àqueles que não buscam reproduzir a essa ordem preestabelecida.

Em suma, para Haraway (1995b) a visão se apresenta, concomitantemente, no contexto social a partir de duas perspectivas. A primeira, caracterizada pelo que a autora denominou de habilidade perversa, a qual se baseia em um olhar reducionista em relação ao humano e, a segunda, como um meio útil para evitar posições binárias de mundo. É sobre essa segunda vertente que se deve pensar e se criar interferências em relação à forma pela qual os conceitos anteriormente mencionados são concebidos e tratados socialmente, sobretudo em pequenos centros urbanos. Destarte, será possível se distanciar das concepções excludentes de sujeito e se orientar em direção a uma perspectiva que volta olhares ao diálogo compartilhado entre os diferentes saberes, constituindo, assim, uma teoria de objetividade que não mais interdita conhecimentos, mas que os corporifica em uma multiplicidade de significados em favor da vida enquanto uma estilística da existência.

Considerações Finais

Nessa pesquisa foram abordadas questões de ordem teórica e prática referente ao contexto da prostituição feminina em um município de pequeno porte populacional e de extensão geográfica, circunscrito na região sudeste do Estado de Mato Grosso do Sul. Esses aspectos foram contemplados mediante as contribuições advindas dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais de Dona Haraway, em conformidade com outros autores/as que, em momentos variados, se fizeram presentes nessa discussão. As referências inicialmente propostas estiveram voltadas à ideia de novas tecnologias e a sua repercussão



no processo de subjetivação dos corpos femininos no chamado mundo transcontemporâneo.

A partir dessas considerações, ficou evidenciado que as reivindicações, as conquistas, os desejos e as lutas de muitas mulheres, sobretudo das profissionais do sexo, não foram, por muito tempo, temas merecedores de abordagens históricas e tampouco passaram a ser investidos enquanto pontos primordiais de análise no discurso científico da Psicologia.

Em contrapartida, importantes iniciativas foram suscitadas no sentido de romper tal barreira e ampliar o espaço temporal de novas discussões, as quais objetivam ampliar o olhar mais atento, tanto das ciências quanto da sociedade, às reais vivências de pessoas e grupos que estiveram engessados a um processo que prioriza os dualismos, que nega a resistência do humano à norma e que, por sua vez, esquadrinha os corpos em possíveis e impossíveis – o belo e o feio, a norma e a dissidência.

Assim, afastar-se da ideia de uno para ampliar olhares à multiplicidade do humano tem possibilitado pensar o que, outrora, fora destituído de um significado social. Em outras palavras, trata-se de promover um olhar que contemple o humano em suas interlocuções com diferentes saberes e onde o debate pautado na prática política permita importantes avanços em busca de uma Psicologia mais humana e menos excludente.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Corpos que Pesam. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O Corpo Educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CARRILO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. **Revista Poiésis**. n.15. Jul.2012.

DIAS, Francisca Gilliane Alencar. **As Prostitutas da Rua da Ponte – entre memórias e esquecimentos**: retratos econômicos e sociais da prostituição feminina em Coxim – MS. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Coxim: UFMS, 2009.



FARIAS, Gislaine Duque de. **A Sexualidade Desviante**: repressão e controle social em Três Lagoas (década de 1960). Trabalho de Conclusão de Curso em História. Três Lagoas: UFMS/CPTL, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade**: o cuidado de si. v.3. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GALINDO, Dolores Cristina. Sobre os Ciborgues como Figuras de Borda. **Athenea Digital**, 4. Disponível em: <http://antalya.uab.es/athenea/num4/galindo.pdf>. Acesso em: 26 de dezembro de 2012.

HARAWAY, Donna. **Ciencia, Cyborgs y Mujeres**: la reinención de la naturaleza. Madri: Ediciones Cátedra, S. A., 1995a.

_____. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. v.5, 1995b.

_____. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**. v. 22, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>. Acesso em: 23 de dezembro de 2012.

PRECIADO, Beatriz. **TESTO Yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008.